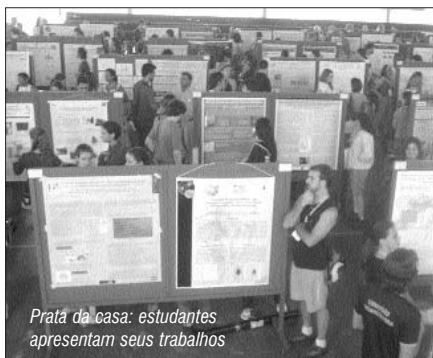


## Encontro reúne pesquisadores de todo o país



Prata da casa: estudantes apresentam seus trabalhos

O Brasil é assustadoramente diverso em sua fauna, e essa diversidade está assustadoramente ameaçada. Tranqüiliza então saber que há aí um batalhão de jovens interessados em conhecer melhor a conduta de nossos bichos. Nos dias 14 a 17 de novembro, o campus da UNESP, em São José do Rio Preto, testemunhou o **XXV Encontro Anual de Etologia**, com um volume recorde de estudantes inscritos, cobras da área e bons trabalhos apresentados. O jubileu de prata dessa reunião de gente naturalmente curiosa teve, como tema, o “comportamento social”, em homenagem ao pioneiro Walter Hugo de Andrade Cunha (presente na abertura, inclusive). O estudo das relações sociais dos animais parece reunir os trabalhos mais promissores, ao lado da “ecologia comportamental”. Que a nova safra de pesquisadores ajude o humano a ser, cada vez menos, lobo do lobo. (BV)



Vista do LAEC

## Enquanto isso, no laboratório

No Laboratório de Análise Experimental do Comportamento (LAEC), em Belo Horizonte, procuramos compreender os princípios básicos do comportamento humano através do modelo experimental. Os sujeitos são ratos albinos Wistar, do gênero *Rattus*. No LAEC utilizamos as famosas “Caixas de Skinner” (projetadas para testar as respostas de pressão à barra dos animais), e os métodos de análise comportamental da psicologia behaviorista. Na prática laboratorial, trabalhamos com condicionamento operante, modelagem, manutenção da resposta operante, extinção de comportamento e discriminação de estímulos. Os experimentos têm, como finalidade, ensinar os princípios comportamentais para os estudantes de graduação e realizar pesquisas nessa área do conhecimento.

(Flávia Rodrigues, 7º período de Psicologia da Faculdade de Ciências Humanas, FUMEC)

ENTREVISTA: HILTON JAPYASSÚ, DO INSTITUTO BUTANTÃ

## As aranhas de Japyassú

**Por que aranhas?** - Elas estão no mundo há muito mais tempo que nós e têm uma diversidade de estratégias e soluções que adotaram ao longo da evolução. São 44 mil espécies, vivendo embaixo d’água, no deserto... uma riqueza comportamental que a gente não deve deixar passar. Quanto às aranhas na minha vida, fiz estágio em várias áreas durante minha graduação em biologia e no final, eu não tinha lugar pra mim. Eu falei: acho que errei o curso, né? (risos). Aí assisti a palestra de um psicólogo, César Ades. Fui no rastro dele, e ele trabalhava com aranhas. Hoje eu fiz as pazes com a biologia, mas fiz isso saindo um pouco do corpo biológico, mais “genecêntrico”, e olhando a interação do animal com o ambiente, que é onde eu me sinto mais à vontade.

**Estudar o comportamento animal “abre uma porta” para o humano ou é importante em si mesmo?** - É importante em si, mas também abre oportunidades. Agora mesmo a gente viu uma palestra do [John] Wenzel, a organização da colméia, as abelhas, e ele faz um paralelo o tempo todo...

**... Que acabam virando recomendações (risos)** - Só que são recomendações no nível de uma empresa, né? Como fazer a sociedade trabalhar como uma maquininha... Você termina encontrando soluções que são úteis para algumas áreas da humanidade.

**Mas não numa festa, né?** - Numa festa é melhor a gente olhar pros bonobos (risos).

**Ver a colméia como uma empresa não é culpa do nosso olho?** - Essa é uma coisa eterna, se a teoria precede os dados, ou eles têm uma independência... Etólogos vindos da psicologia têm mais essa percepção de que você presta atenção a aspectos da natureza porque a sua teoria já te diz isso, mas os da biologia são mais empiristas, têm um pouco mais de ingenuidade, talvez. Eu diria que a gente sempre tem pré-con-



Hilton (esq.) e alunos no XXV Encontro Anual de Etologia

cepções sobre o mundo, mas o mundo tem um limite: uma hora você vai andar e dar com o poste...

**Tem que negociar com o mundo** - Exatamente. Por isso eu quero sempre olhar pros bichos, olhar o que eles estão fazendo. A teoria sozinha pode criar qualquer universo, e eu quero saber desse, que eu acredito que exista (risos).

**E o XXV EAE?** - O Encontro está ficando grande, e isso mostra que a etologia está crescendo no Brasil, o que me agrada, claro. E tem a área em que eu e meus alunos atuamos, a evolução do comportamento. Uma área fundadora na etologia, e agora vem sendo retomada. Além da abordagem tradicional, do comportamento como traço morfológico, que era a abordagem do Lorenz, está surgindo a reflexão sobre a evolução olhando para o comportamento em interface com o ambiente. Pensar a evolução de forma sistêmica, como a [Susan] Oyama propõe para o desenvolvimento. Isso é um desafio, que espero que meus alunos entendam que é um desafio, e que a etologia abrace essa busca da evolução do comportamento enquanto uma área de atrito entre as regularidades internas e externas.

## SUJEITO DO MÊS



Residente no LAEC, e pesando quase 500g, o sujeito do mês é GULLIVER, cheio de experiência na bagagem. Gulliver vive as duas vidas de seu homônimo swiftiano: enorme entre seus iguais mas quase insignificante em meio aos gigantes de guarda-pó.